

**TORNAR-SE NEGRO OU AS VICISSITUDES DA IDENTIDADE DO NEGRO EM
ASCENÇÃO SOCIAL, DE NEUZA SOUZA SANTOS**

Francisco Vítor Macêdo PEREIRA¹

José Sandino Cavalcante de Alencar GOMES²

Em seu livro, *Tornar-se Negro* (1983), a Psiquiatra e Psicanalista Neuza Santos nos traz uma série de reflexões a respeito dos fatores de neuroses e outras doenças psíquicas ocasionadas às pessoas negras no Brasil, em decorrência de suas compulsões de ajuste aos padrões estéticos e comportamentais do mundo branco. Em outras palavras, a autora exerce uma análise dos efeitos do racismo antinegro na formação da subjetividade das pessoas negras no Brasil, especificamente a partir da evidenciação da incidência de neuroses e adoecimentos psíquicos diversos à população negra em ascensão ou em busca de distinção social rumo ao mundo dos brancos.

Neuza Santos (1983) nos contextualiza a angústia do preto na busca constante por ser reconhecido em uma sociedade cujo racismo antinegro é algo eclipsante. Desse modo, doentamente, todos os esforços do negro em humanizar-se, em tornar-se *gente* traduzem-se psiquicamente em dor e negação egodistônica, por meio de sucessivas tentativas frustradas de construção identitária do falso e inútil ideal de ser branco.

Tal ideal perverso advém de um contexto cultural e histórico em que os negros, originalmente na condição de africanos escravizados – definidos e reduzidos como de *outra raça* – foram relegados a papéis de inferioridade e subalternidade à humanidade branca. De fato, o limiar existencial do negro define-se – na formação da sociedade brasileira – a partir das condições como ele deve tratar o branco: que é o ser ao qual tudo se deve conceder. Entre amor, frustração e recalque, é estabelecido ao negro o lugar do ódio e da negação, onde a sua subjetividade se define entre a admiração e a veneração aos brancos e a abjuração a tudo o que remete aos outros negros. Nesse limbo de rejeição, lhe

¹ Professor de Filosofia do Instituto de Humanidades e Permanente do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira. Endereço institucional: Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. Campus da Liberdade. Avenida da Abolição, nº 03 - Centro CEP.: 62.790-000 Redenção/CE - Brasil Tel: (85) 3332-6101. E-mail: vitor@unilab.edu.br

² Bacharelado em Humanidades pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. Endereço institucional: Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. Campus da Liberdade. Avenida da Abolição, nº 03 - Centro CEP.: 62.790-000 Redenção/CE - Brasil Tel: (85) 3332-6101. E-mail: sandinothetahhealing@gmail.com

são introjetados, ao negro, a feiura, a ruindade, a sujidade, a suscetibilidade, o ressentimento, a frustração, o super potente e o exótico.

Neuza Santos (1983) nos fala ainda que, mesmo alguns atributos – supostamente positivos e, em contrapartida, comumente conferidos aos negros em superioridade aos brancos, tais como a sensualidade, a sensibilidade, a musicalidade, o ritmo, a extraordinária potência, o desempenho sexual e a resistência física – são, na verdade, expedientes de um perverso enquadramento racial. No fundo, ser sensual, potente, ter ginga, ritmo, musicalidade e ser atlético não são elogios ao negro, mas formas de aprisionamento de sua subjetividade a qualidades consideradas irracionais, primitivas, animalizadas, próximas à natureza ou à selvageria, em oposição à racionalidade e ao refinamento cultural e civilizacional do branco.

Diante de tudo isso, é quase impossível que o negro, inadvertidamente, não tome então o branco como ideal de referência, de aceitação ou de negação de si diante do mundo (que inquestionavelmente é branco, como parece convir à cultura, à economia, à ciência e à religião dominantes). Para ser *gente* o negro precisa, pois, assimilar o máximo possível do branco, e tudo o que lhe for *espontaneamente negro* deve ser refreado, medido, contido, a fim de que ele não coloque o *seu projeto de humanidade* a perder. Com ênfase, desde muito cedo, o negro aprende diretamente pela família, e indiretamente pela escola e a sociedade, como se comportar, como *conter a sua negrura*, como apresentar-se diante da sociedade (branca) a fim de obter e administrar chances *reais* de reconhecimento.

Neuza Santos (1983) fundamenta as suas análises, a propósito das interfaces entre o adoecimento psíquico dos negros (em busca de ascensão social) e o racismo antinegro, na psicologia freudiana: precisamente nos conceitos de *ego ideal*, *ideal de ego* e *superego*. A descrição desses conceitos e instâncias da psicanálise, articulada à crítica social contra o racismo, serve de embasamento à compreensão das causas das recorrentes neuroses, angústias, ansiedades sociais e distonias de ego entre a população negra em geral.

O ideal do ego não se confunde com o ego ideal. O ego ideal, instância regida pelo signo da onipotência e marcada pelo registro do imaginário, caracteriza-se pela idealização maciça e pelo predomínio das representações fantasmáticas. Já o ideal do ego é o domínio do simbólico. Simbólico quer dizer articulação e vínculo. Simbólico é o registro ao qual pertence a ordem simbólica e a lei que fundamenta esta ordem. O ideal do ego é, portanto, a instância que estrutura o sujeito psíquico, vinculando-o à lei e à ordem. É o lugar do discurso. O ideal do ego é a estrutura mediante a qual se produz a conexão da normativa libidinal com a cultural (SANTOS, 1983, p. 33).

Esses conceitos freudianos, relativos aos complexos do *ego* diante do *consciente* e do *inconsciente* e às dinâmicas de sua equilibração moral pelo *superego*, nos remetem à dimensão simbólica de formulação dos ideais subjetivos: como realização estimada de nossos desejos individuais frente à ordem socialmente imposta. Essa ordem externa do mundo à concreção das vontades individuais corresponde, ao mesmo tempo, à necessidade que temos de modelos ideais para nos constituirmos como sujeitos, e à possibilidade de nossa satisfação original narcísica – a qual, *a priori*, nos foi suprida pelas figuras materna e paterna. A contente satisfação do *ego*, de sua origem narcísica à primeira infância, é rompida, todavia, pela sequência de censuras da iniciação à vida em sociedade, na proporção, portanto, de nosso crescimento e ampliação às experiências e interações da vida em sociedade.

A fim de ter a nossa necessidade narcísica original atendida, o nosso *ego ideal* (o que expomos ao outro, ao mundo, algo como a nossa máscara) tenta o máximo possível aproximar-se de uma instância chamada *ideal de ego*, correspondente ao modelo estatuído em leis, nas normas, na moralidade e nos padrões do caráter, algo que nos remeta, assim, ao ajustamento dos valores os quais aderem o sujeito psíquico às condutas sociais que, de si, são esperadas.

Quanto mais aproximado é o *ego ideal* do *ideal de ego* mais nos sentimos satisfeitos, triunfantes, plenos e certos do reconhecimento de nossos projetos de subjetivos e de seus lançamentos à ascensão social. Já o distanciamento dessas instâncias nos remete a frustrações, culpas, distonias, emulações de personalidade e a uma série de complexos de inferioridade. Alcançar esse *ideal de ego* imantado pelo *superego* é, por isso, quase que uma exigência imposta ao *ego*, da qual o *id*, que é o limiar entre a consciência e a inconsciência psíquica, dificilmente escapa.

O *superego* corresponde, portanto, às convenções sociais, culturais, e alimenta o nosso *ideal de ego* – ao qual tentamos alcançar, a todo custo, por meio do *ego ideal*. Numa sociedade originária e fundamentalmente racista e antinegra como a nossa, o nosso *ideal de ego* é também indiscutivelmente branco e ocidental (porque brancos e racistas são os seus deuses, os seus valores, as suas memórias e as dinâmicas morais e legais de suas instituições).

Do que disso se segue, para atingir esse *ideal* branco, o primeiro passo do negro, logo após a primeira infância – rumo à consciência e à sociabilidade da vida adulta – é a negação de si: o que, muitas vezes, já na adolescência, raia para si o nível do desespero e

da violência, tanto contra o seu corpo físico quanto contra o seu corpo erógeno como projeção de desejo aos demais. Como consequência disso, a sua energia libidinal, como desprendimento de pulsões de morte, perversa e inconscientemente o faz eleger como alvo desejado o branco, o seu *ideal de ego*.

Essa relação de proscricção e interdição entre o seu *ego ideal* e o *ideal de ego* branco assume, para os negros, o efeito devastador de psiquicamente lhes retirar do mundo, de praticamente lhes desterrar da condição de seres desejantes, alienando-lhes da subjetividade quase que inteiramente o projeto de suas vontades. Sob esse aspecto, as projeções do domínio do simbólico sobre as condições sociais de realização dos desejos são, para os sujeitos em geral, sempre tensas, mas para os negros isso se dá de uma forma incomensuravelmente pior, agravada pelas exaurientes validações da sociedade racista.

O *superego* (da cultura do exótico, da sociedade de exceção a praticamente tudo o que remete às representações do negro) bombardeia o supérstite *ego* dos sujeitos negros, o tempo todo, com exigências de ideais inalcançáveis, os quais – materialmente – se traduzem massivamente em tributo à brancura. É verdade que, de sólito, há nos sujeitos todos sempre algo de insatisfação, de frustração ante as projeções de realização da personalidade e as homologações do *self* – haja vista que, como regra, o *ideal de ego* mantém-se ordinariamente inalcançável, a fim de que prossiga como patamar desejável. No entanto, para os sujeitos negros, esse degrau de insatisfação é sempre muito maior.

O *ego* retraído então lançará mão de estratégias compulsivas e enérgicas, exercendo todos os esforços que lhe são possíveis na busca de ser o melhor de si e de compensar os seus *defeitos*. No caso das pessoas negras, entretanto, essa *falha* é original, e consiste – de modo insuperável – em simples e irremediavelmente *se ser o que se é*. Para o negro não lhe resta, pois, outra escolha senão tentar *embranquecer*, a isso corresponde toda a tentativa desesperada e inútil de seu *inconsciente* – como pantomima – por algum tipo de aceitação ou reconhecimento.

Não obstante a urgência ou a genialidade de todos os esforços, por *melhor que seja*, isso não lhe garantirá - ao negro - o êxito de seu *ideal*. Esse *ideal*, por fim e ao cabo, tragicamente o acusará de *não ser branco o suficiente*. Conforme Neuza Santos (1983) nos relata, em alguns casos de suas entrevistas, persistirá sempre – na busca incessante do negro pelo *ideal branco* – uma insatisfação insaciável, à qual ele nunca terá como compensar.

Essa cruel constatação de massacre psíquico, com a qual – consciente ou inconscientemente – se deparam os negros, lhe conferem duas alternativas. A primeira seria a de sucumbir, sem ressalvas, à punição do *superego*, obtendo como resultado a depressão, a perda da autoestima, a internação dos sentimentos de culpa e inferioridade, além das recorrentes sensações de insegurança, angústia, fobia, timidez, retraimento e ansiedade. Esses são alguns dos sintomas de um *ego* sucumbido às categorias irresistíveis do *superego*. Em específico, no caso dos negros, por inapelavelmente não alcançarem nenhum ideal realizável pelo *ego*.

A segunda alternativa ao *ego* – ante a irrealizabilidade de qualquer *ideal branco* – seria lutar ainda mais, e por meios cada vez mais violentos, em busca por novas saídas. Uma dessas mais prováveis e penosas saídas seria o projeto, a todo custo, de relacionamento amoroso com um branco, e de projeção de sua descendência ao ideal fantasmático e inafastável da brancura. Sem abjurar da necessidade de ascensão social, a despeito da consciência acerca da impossibilidade do *ideal em si de brancura*, ele busca o relacionamento inter-racial: como instrumento tático possível para o seu embranquecimento e um substituto ao *ideal do ego*.

Esse *ideal de ego branco do negro* engendra-lhe feridas narcísicas dilacerantes. É que ele não assume a possibilidade de matar o *fantasma branco* senão destruindo-se a si mesmo. Para a cura e cicatrização dessas feridas, Neuza Santos (1983) nos aponta, contudo, uma possibilidade:

um novo ideal de ego que lhe configure um rosto próprio, que incarne seus valores e interesses, que tenha como referências e perspectivas a História da Humanidade Negra. Um ideal construído através da militância política, como lugar privilegiado à superação da história do racismo (SANTOS, 1983, p. 44).

Para tanto, há a necessidade de terapia e de cura psíquica pela negrura. O negro há de assumir simbolicamente outros ideais correspondentes à sua própria humanidade, os quais modulem a sua libido e as suas pulsões vitais a um absoluto negro. Em outras palavras, o negro há de *tornar-se negro*, sem mais par a qualquer ideal branco.

Ser negro é, além disso, tomar consciência do processo ideológico que, através de um discurso mítico acerca de si, engendra uma estrutura de desconhecimento, que o aprisiona em uma imagem inferior e alienada, na qual inadvertidamente ele se reconhece. Ser negro é tomar posse dessa consciência que reassegure o respeito às diferenças e que reafirme uma dignidade alheia a qualquer nível de exploração. Assim, ser negro não é uma condição dada *a priori*, com a mesma beleza, com a mesma naturalidade que é concedida ao branco, é um vir a ser. Ser negro é

tornar-se negro. Tornar-se negro, portanto, ou consumir-se em esforços por cumprir um veredito impossível – desejo do outro – de vir a ser branco: são as alternativas genéricas que se colocam ao negro brasileiro que responde positivamente ao apelo da ascensão social (SANTOS, 1983, p. 77).

Passados mais de trinta e sete anos dessa análise, constata-se que ainda há muito a caminhar: a fim de que a maioria dos que seguem sofrendo dos transtornos e adoecimentos psíquicos da negação de si – ocasionados pelo racismo antinegro e pela manipulação dos perversos, que se locupletam dos efeitos de seus dispositivos – possa, enfim, livre e desimpedidamente, gozar do prazer, da consciência e da responsabilidade histórica de *tornar-se negra*.

REFERÊNCIA

SANTOS, Neuza Souza. *Tornar-se Negro ou as Vicissitudes da Identidade do Negro em Ascensão Social*. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1983.